

**baleia
morta
e outras
fomes**



**baleia
morta
e outras
fomes**

gabriel
fragoso



*Para Tânia
e todos os seus
sorrisos*

**11 O crepitar
dentro da mala**

**15 As mãos da
aranha**

21 Como se toque

**29 A liberdade
ou o despejo**

**35 A domicílio
(parte I)**

**39 ele sabe que
seu marido
está no fim**

**43 Baleia morta e
outras fomes**

**53 Os olhos da
tempestade**

**57 A domicílio
(parte II)**

**61 Em nome do
pai e do filho**

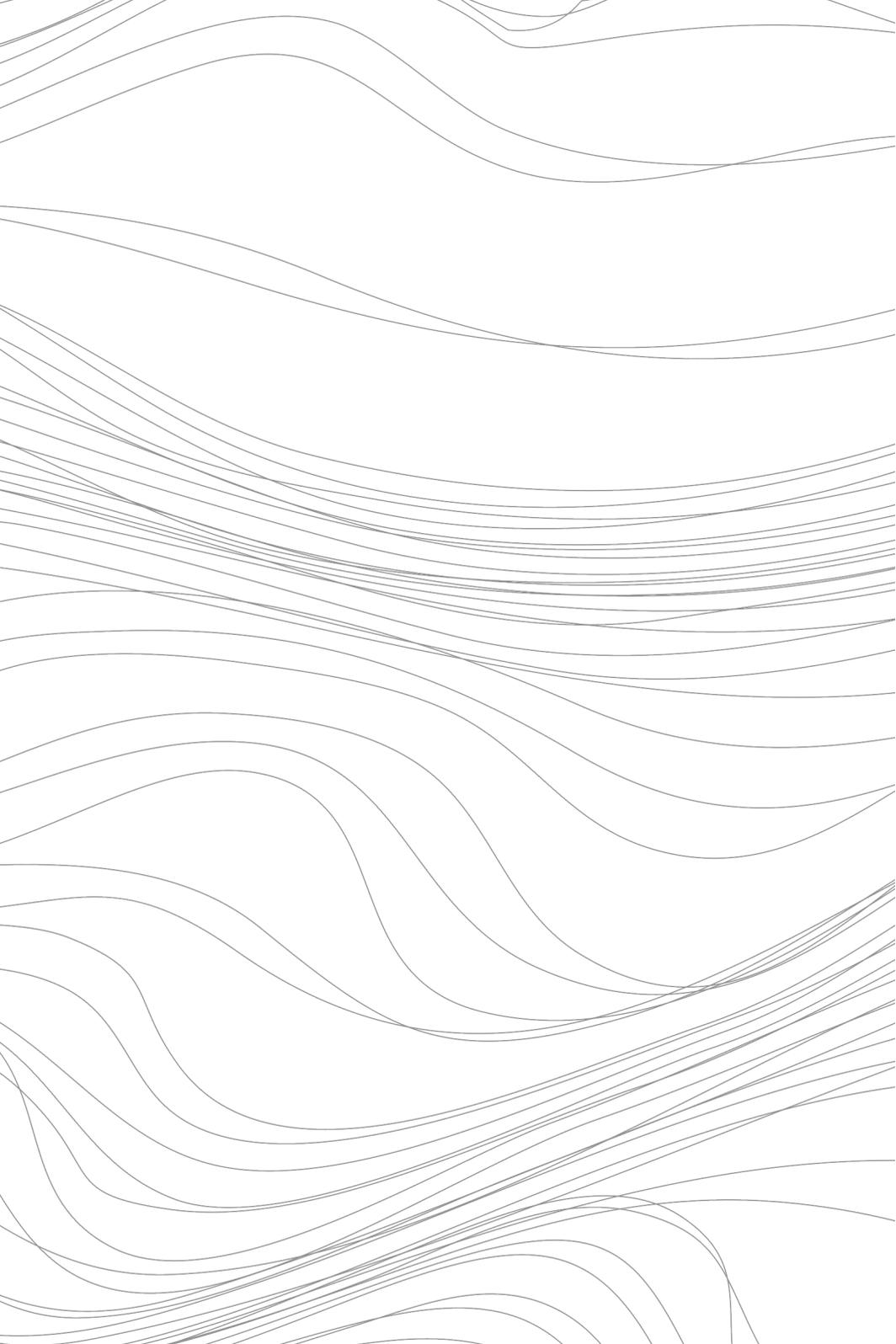
67 Sem nome

71 Sal

75 Posfácio







**O crepitar
dentro
da mala**





O trem se aproxima com a urgência de quem não pretende ficar. Subo os pequenos degraus, o bilhete em mãos, e busco um lugar isolado, à janela.

No corredor, ouço vozes num microfone distante e crianças passam por mim, risonhas. Depois de encaixar com delicadeza a grande mala no compartimento acima de todas as cabeças, respiro em alívio ao lembrar que levo apenas o essencial. Me sento.

O frio faz tremer e me arrependo por ter sujado o cachecol antes azul. Mas não havia tempo para buscar roupas. Paciência. O pedaço de tecido quente é a menor de minhas tristezas. Théo me esquentava muito mais.

Lágrimas ameaçam se aventurar nas cordilheiras do meu rosto seco, mas não permito. Ninguém sabe de nada, ninguém sabe de nada. Respiro fundo e noto o casal que se encontra na cabine seguinte. Consigo enxergá-los do nariz para cima — abaixo, só o banco da frente, que se estende como um pequeno, mas consistente, muro.

Os barulhos mecânicos anunciam a partida do trem. Já é hora de sumirmos. A estação, com suas luzes alaranjadas e pessoas agasalhadas, vai ficando para trás conforme a velocidade aumenta. A viagem agora é ao lado de montanhas enormes, distantes e geladas.

Me encolho e fecho os olhos, a cabeça apoiada no vidro. Talvez as lágrimas desçam, mas quem se importa. O casal de rostos pela metade, ainda abraçado, ignora a minha presença — não seríamos todos apenas pedaços de qualquer coisa?

Lá fora, os pinheiros, vestidos de branco e inclinados à esquerda, nem me olham. Eles, sim, sabem de tudo. A enorme velocidade do trem torna um borrão todas as coisas mais próximas, mas tudo que teve a sorte de permanecer longe dos trilhos ainda pode ser visto e examinado.

E então enxergo a fumaça, distante, ao pé de uma enorme montanha. Fumaça de fogo, de combustão, de revolta e culpa. As chamas-bailarinas abrem clareiras de luz laranja em meio ao cinza etéreo de toda a paisagem. Nunca tive dúvidas de que o deboche do fogo é dançar.

Os passageiros dormem. Ninguém nota as insaciáveis labaredas que lambem as árvores. Olho ao redor. Onde estão os funcionários desse trem?! Se Théo estivesse vivo, ele certamente saberia como encontrá-los.

O fogo se alastra de forma tão rápida que tenho a certeza de que seremos, a qualquer momento, parte do seu espetáculo.

— Bilhete, por favor.

Abro os olhos, o coração a mil. Não há mais incêndio nos alcançando. Nem fumaça. Nem árvores enegrecidas e mortas. Nem pássaros em revoada urgente e amedrontada. Nada além de uma paisagem morta de indiferença. O meu rosto desorientado chama a atenção e o senhor de barba branca franze a testa. Seus olhos nórdicos me encaram e então ajeito o corpo na poltrona, o frio sempre presente — até vermelho o cachecol me seria útil. Entrego o bilhete e ele faz a rápida conferência.

— Indo pra longe, hein, jovem? — O idoso diz, sorridente, me devolvendo o pequeno papel e se distanciando.

Lá fora, entre tantos pinheiros congelados, o incêndio quer voltar ao palco. Mas dessa vez não sinto medo. Nem culpa. Percebo que o perdão, no fim das contas, nunca foi possível.

Enquanto invejo o fogo, que antes despedaçou os grandes galhos como se nada fossem, levanto a cabeça e encaro minha grande mala. Lembro da dificuldade que foi com Théo, algumas horas atrás.

Suas longas pernas quase não couberam. Quase.



**As mãos
da aranha**



Naquele dia, ela acordou maior do que nunca. Deitada com a barriga para cima — porque não existia outra possibilidade —, observava o gesso impecavelmente branco que compunha o teto. Lá em cima, à esquerda, uma pequena aranha, muito peluda, tecia sua trama.

Enquanto a moça observava as várias patinhas que se mexiam sem descanso, como se a fugir do invisível, ouviu três batidas na porta.

— Pode entrar.

Sua mãe irrompeu quarto adentro, carregando nas mãos, com cuidado, uma bata escura. Em pé, ao lado da cama, mal conseguia conter sua empolgação.

— Minha filha, tá na hora de levantar. Passei aquela bata que comprei pra ti. — Estendeu-a à filha, com orgulho. — Tua barriga vai ficar ainda mais linda.

— Não precisava, mãe.

Com certa dificuldade, Clara sentou-se, colocando os pés inchados para fora da cama.

— Tuas amigas todas vão estar aqui hoje, Clara. — Ela se sentou ao lado da filha. — Até a Fernanda, que recém voltou do intercâmbio. Lembra quando vocês me perguntaram se podiam ser irmãs, porque não gostavam de ser filhas únicas? — Ela sorria, com o olhar distante. — Deviam ter uns nove ou dez anos.

— Sim, mãe. Eu lembro. — Clara suspirou. — Vou levantar, então.

— Isso. Já tá quase tudo pronto lá. — Ela se aproximou do rosto da filha, franzindo as sobrancelhas. — E vê se passa um corretivo nessas olheiras, criatura.

Deu um beijo na bochecha de Clara, um afago naquela barriga enorme e levantou-se, deixando a bata estendida na cama — como uma pessoa que já deixou de ser, murcha — e saiu. A porta ficou encostada, sem firmeza.

Clara suspirou fundo. Olhou para a bata e depois para o teto: a aranha ainda estava lá. A moça tinha os cabelos bagunçados e pensava, com estranheza, sobre a sua mãe que não percebera a presença daquele aracnídeo lá em cima. Ali em cima. Aqui perto. Será que ela realmente não vira aquelas patas indo e vindo, indo e vindo, indo e vindo?

Levantou-se, com as mãos nas costas. Espreguiçou-se o que pôde. Deixou a bata no mesmo lugar e foi ao banho. Demorou-se. Olhou-se no espelho. Sentiu-se diferente. Parecia mais real do que nunca.

Pensou nas mãos da criança que lhe pesava o ventre. Sentia os pelos brotando naqueles dedos diminutos, emergindo de cada poro sob protestos submarinos. Pensou que deveria cortá-los pela raiz, senão a criança poderia nascer com as mãos peludas — um horror.

Parada no meio do banheiro, olhou para os pelos do próprio corpo. Manchas escuras em pontos específicos. Como as mãos do menino. O que ela faria?

Depois, dando uma última olhada para aquela aranha, Clara vestiu-se e saiu do quarto. Os filhos das aranhas nascem em ovos, ela pensou, enquanto fechava a porta com toda a força que tinha. Sentia-se pesada, indigesta, com cocéiras pelo lado de dentro. Quando encontrou a sua mãe, abriu um sorriso. Ela veio com olhos de farolete, puxando a moça grávida pelo braço e levando-a ao salão.

— Só falta trazer o bolo da geladeira. Vou lá buscar porque já tá quase na hora! — E saiu correndo, deixando Clara com as palavras engasgadas — palavras que nunca nasceram.

Quando sua mãe estava de volta, desembuchou. Ou quase.

— Mãe, por que esse bolo? É um chá de fraldas, não um aniversário.

— Já conversamos sobre isso, meu amor. — Ela ajeitava o bolo no centro de uma mesa cheia de doces. — É só um

bolinho pra comemorar o nascimento do nosso bebê. — E adicionou às pressas: — Porque eu sou uma vó muito participativa, né?

— Mãe, eu...

— Psiu, para com isso, Clara. O teu pai já deve estar chegando.

Clara calou. Pensou no corpo peludo daquele bebê que carregava na barriga. O pretume já teria alcançado as mãozinhas?

Antes de encontrar qualquer resposta, o interfone tocou. A mãe já mandava que subissem. Pelo visto, as amigas da época do ensino médio tinham combinado de chegar juntas. E foi aquela bagunça. As risadas. As fotos. As admirações. Que barriga enorme, Clara!, diziam em intervalos curtos.

Logo o interfone não parou mais de tocar. As convidadas chegavam com fraldas, cremes, papinhas, talcos, pomadas, sacos de algodão, mamadeiras, esterilizadores de mamadeira, lenços umedecidos, bombas de tirar leite, conchas de silicone, móveis, chocalhos e até uma tesourinha. Elas deveriam saber.

Clara foi pintada com batons caros. Havia desenhos na sua barriga e no rosto, além de frases pouco legíveis nos braços e nas coxas. O umbigo saltado foi transformado numa boca em constante assombro.

Clara até esqueceu do pai, que chegou depois de três horas de atraso.

— Parabéns, filha — ele disse, enquanto ajeitava a gola da camisa. Sem responder, Clara observava os pelos que brotavam do peito do homem e desciam pelos braços. Sobre uma de suas enormes mãos, muito peludas, uma pequena aranha fazia silêncio.

